

Renato Tapado

**PALAVRAS NA PENUMBRA**

*E a nossa voz é um som que se prolonga  
através da noite.*

*Um som que só tem sentido na noite.*

*Um som que aprende, da noite,  
a ser o absoluto silêncio.*

*Cecília Meireles, Doze noturnos da Holanda.*

Escrevo a noite, sua lunar brancura  
a iluminar as margens dos instantes,  
a noite clara, sem depois nem antes,  
que se desdobra, amante, na escritura.

Pressinto o gume dessa negra artéria  
a alimentar o sonho da vigília,  
seiva que salva o dia da armadilha  
de perecer sem alma e sem matéria.

Escrevo o avesso do clareado dia –  
com o vício de suas falas sem sabor –  
numa impaciência que o papel adia.

Escrevo o escuro que o verso vislumbra:  
o gesto urgente e puro de uma flor  
colhendo sua existência na penumbra.

Noite clara, silencioso começo  
de uma espera que traz uma brancura  
tingindo as horas com seu véu espesso:  
um ócio que distrai, mas não me cura.

Noite inerte, com o clima de um deserto,  
que trama um recomeço, mas não fala.

Voz de felino anunciando perto  
a negra esfinge dessa hora que cala.

Noite insone: sua máscara sutil  
me envolve como o caçador a presa  
dentro das horas como num artil.

Noite infinita, de matiz perverso,  
que à mesa, a essa hora, hipnotiza,  
aquele que procura o último verso.

A página, o silêncio, um homem só:  
este é o assunto que a palavra escande  
no dorso de uma espera que se expande  
pra dentro, devolvendo o tempo ao pó.

As sílabas mesclando-se no branco  
nada dizem, somente o sacrifício  
de se impor ao papel que, inerte e franco,  
ignora o tempo gasto neste ofício.

É noite. Tudo quieto. Só uma fala  
desata solidão em versos mudos  
como essa lua que em meu corpo cala.

Agora em minha volta já amanhece.  
E aqui, dentro do verso, resta o escuro  
compondo um tempo que jamais se esquece.

Escuto esse piano e me entristeço  
como a chuva que cai neste domingo.  
Escuto, e vibra em mim o que não esqueço:  
uma dor que me abraça, e eu não me vingo.

O som da chuva, estranha melodia,  
sem um compasso, só silêncio e espera,  
dilui nas horas minha melancolia  
como o andar furtivo da pantera.

Escuto esse piano e então escrevo  
na página fugaz, com alguma pressa,  
algo que não tem nome nem relevo:

apenas essa dor que me distrai  
como águas caindo rumo ao mar –  
chuva que sempre chega, nunca sai.

Tudo o que ofereço é esta grafia  
inscrita neste corpo em celulose.  
E a acolhes em tua língua essa dose  
que bem sabe, mas o seu fim se adia.

Saber e dor dentro da clara falta  
é o que te entrego na brancura lisa,  
a superfície de uma pele-pauta  
e melodia, como ave e brisa.

Disponho traços negros no papel –  
são grãos sutis dessa necessidade  
que te entrego, nutrindo nossas falas.

Então, disperso sílabas no céu,  
e nelas saboreias a verdade  
incômoda, que sabes e que calas.

O deserto é um lugar aconchegante.

Só mínimas gramíneas algo ralas.

Ali o tempo impera sem rompante –  
não há razão, filosofia ou falas.

Sua beleza cresce sem surpresa,  
em meio a um pé-de-vento ou a um cacto.  
De dia, vê-se a lebre, fugaz presa.  
À noite, o puma e seu corpo compacto.

Não há nada a fazer. O tempo espera  
algum gesto vazio, sem compromisso,  
diante de um rochedo ou uma cratera.

Fazer uma fogueira de um graveto:  
é igual a escrever – gesto mortiço:  
deserto que transborda este soneto.

Há um silêncio leve sobre as ruas.  
Esconde-se em sua tênue vaidade.  
Ninguém o escuta. Vai pela cidade  
compondo um vento de palavras nuas.

Foge do tempo, foge dessa urgência  
de dizer tanto, e tudo, e não ser nada,  
e encolhe-se no oco de uma ausência,  
como uma ave oculta a face alada.

Há um silêncio vivo como a pele,  
que pulsa sob um têxtil desatino,  
disposto a seduzir o que o impele

ao devaneio. E o impulso vence-o  
e abre uma outra face em seu destino:  
pois dentro do silêncio há outro silêncio.

A lancinante espera e o doce espanto  
convergem em meu espírito com sede.

Cada minuto vasto é um acalanto  
que dói e me aprisiona como rede.

A folha virgem, hóspede da fome,  
degusta a concisão dessa paciência.  
Essa clara vertigem não tem nome,  
mas do seu vil papel me dá ciência.

Tempo senil, horas em desalinho,  
que varrem do meu corpo a tez serena  
e levam-me à procura de outro vinho.

E o brinde faz-se, sílaba calada,  
sabendo a amarga e duradoura pena:  
palavra escrita, vida derramada.

Lançar palavras: gestos à deriva  
de alguém perdido em meio à tempestade.  
Compor com elas a verdade esquiva,  
sem som nem sombra, muda vaidade.

Garrafas que viajam, mas vazias,  
decepcionando os náufragos sedentos.  
Tábuas sem lei, sem peso, só avarias,  
que se desfazem com a fúria dos ventos.

Letras na areia, versos de armadilha  
capturando algum passante adepto  
de um jogo marinho numa ilha.

Papel mordaz, caligrafia escura  
que traz à solidão a falsa vela  
a iluminar o breu dessa brancura.

Agir, correr, sair do sobressalto  
em que me encontro, nesta vã espera.  
De um ponto de onde possa haver um salto  
a algum lugar, a alguma outra quimera,  
  
não onde estou, não esta que se instala  
nas frestas do minuto ensandecido  
como a sílaba que me fere e cala  
a corroer o ser e o já ter sido.

Sair, sumir do mundo, transgredir  
o avesso de um avesso tão fechado  
dentro de um dia disposto a partir.

Fugir, romper o lacre ensimesmado,  
à outra margem, longe de um devir,  
onde me espera o ainda não criado.

Duro, cansado, raro, tropeçado,  
este soneto sai como um instante  
inquietao, inerte, sem nada empolgante,  
um paralelepípedo truncado.

Um ritmo de cascos de cavalo  
numa rua repleta de reflexos  
de sons, de luz, sem lógicas, nem nexos,  
e em cada passo torturante, um calo.

Carro-de-boi, este soneto avança  
aos trancos e barrancos numa estrada  
que é só poeira e que ninguém alcança.

Travado o som, caindo de uma escada,  
qual uma sílaba que então se lança,  
este poema é a pedra em cada entrada.

Tarde sem fim, atividades vãs,  
nenhuma pluma de beleza pousa  
em minha mesa. Como essas maçãs  
sem seu Cézanne – ninguém aqui ousa

o gesto puro e ávido de olhá-las.  
Contando as horas, busco uma matéria  
(sei que não há, também sabes e calas)  
que torne esta tarde menos etérea.

Esqueço o dia. Perco-me na espera  
de um olhar que me devolva a pureza  
de fitar essas maçãs como uma fera.

Mas meus olhos se perdem numa espuma  
de afazeres, de tédios e incerteza,  
e tudo se enovela numa bruma.

Do que lembrar para enfrentar o instante,  
esse tempo farpado que me escolta,  
e armar-se de uma febre delirante  
que distraia essa abafada revolta?

Como buscar no poço da memória  
a matéria de ser, já tendo sido,  
envolto na artimanha que é a história,  
esse presente que já é tempo ido?

São frios os dias. Nada me cativa.  
Tudo é um presente neutro e sem decência.  
Quero esquecer – e minha memória ativa.

Fecho meus olhos. Vislumbro a cadência  
do fogo em sua dança. E o meu corpo  
procura em cada sílaba uma ardência.

Busco o silêncio oculto  
por trás das falas claras,  
um inefável vulto  
de mudez e voz raras.

O silêncio inaudito,  
que não cabe na boca,  
algo vão e infinito,  
uma palavra oca.

Brancura sobre branco,  
o nada soletrado,  
um mentiroso franco

escondendo a verdade:  
silêncio solitário  
de um alguém nesta tarde.

Caçar palavras, exercício inútil  
nessa espera maciça que é a cidade.  
No entanto, cada palavra arde  
nesse deserto de horizonte fútil.

Buscar a sílaba que feche a rima  
quando lá fora tudo desmorona,  
mais do que insanidade vindo à tona,  
é permitir que alguma coisa exprima

a dura ausência. Cada verso tece  
a falta exasperada desses dias  
em alguma fábula que não se esquece.

Ataco as horas. Fustigo a camada  
sob a pele de tantas agonias.  
Escrevo o fogo e sua paixão: o nada.

Diante do mar, esqueço a gramatura  
dessas horas tão ásperas, sem véu  
que cubra essa imensa e vil secura  
disposta a castigar a terra e o céu.

Mirando a trajetória da gaiivota  
o meu olvido infla e reverbera,  
fugindo da manhã, ganhando a cota  
de sonho que meu gasto corpo espera.

Diante do mar o dia se esfumaça  
em meus olhos cansados da cidade –  
caçador que abandona a sua caça.

E em sua vaga eterna, mas fugaz,  
percebo que no instante se concentra  
o agora, o amanhã, anos atrás.

Outono, céu cinzento, névoa fina.

Há um aconchego perto da lagoa.

Tudo se cala nessa hora à toa  
em que meu corpo à lassidão se inclina.

Há uma aranha tecendo sua espera,  
à cata de uma distraída presa.

Há um gato que me olha sem surpresa  
de sua tênue e enovelada esfera.

Nada a fazer. Do meio do aconchego  
um tédio se insinua. Sem apego  
ao dia componho uma imagem pura.

No meio do silêncio desta casa  
me lanço ao tempo, pássaro sem asa,  
neste caderno de fugaz brancura.

Um vento suave, em cálida passagem,  
afaga lentamente minha pele.  
Esqueço as horas nessa breve aragem,  
antes que o tempo envolva a vida e a sele.

Nada a fazer, nenhuma ação pensada  
neste instante em que tudo está adiado.  
Apenas essa mínima tourada  
que o vento faz com meu corpo cansado.

São três da tarde. Apuro o meu olhar  
neste calor que só me traz miragens  
e busco a fresca imensidão do mar.

Mas o vento, que a espuma azul evola,  
me lembra que o calor ainda resiste,  
o tempo impera – e tudo vai embora.

De quanta alma necessito  
para guardar-me do presente,  
essa estação fugaz e ausente,  
num caminhar vago e finito?

Como grafar a minha fome  
em algum formato de beleza  
se em mim se ausenta essa destreza  
em transformá-la em algum nome?

Vivo escrevendo e não esqueço  
a alma faminta que não dorme  
sempre que, insone, eu amanheço.

E dentro da ampla madrugada –  
o tempo com seu peso enorme –  
eu teço uma palavra alada.

Outono. Escuto o passo de um riacho

em meio à noite fria e cristalina.

Escuto esse vazio que desatina

onde procuro algo e nada acho.

As folhas caem, tudo cai no escuro,

nesses dias de verticalidade.

E quando me deparo com outra tarde,

o horizonte é um desgastado muro.

O céu é cinza. É fria a água do lago –

espelho opaco que nada reflete –,

mas aqui dentro trago as mãos de um mago:

invento sílabas que o tempo esquece

– nesse papel em branco em que me vejo –

e finjo que essa página me aquece.

Barco chegando. De onde terá vindo  
essa mancha amarela sobre a água  
que, calma, vem de algum trabalho findo  
e me lembra – por quê? – alguma mágoa?

Na praia azul e branca, pousa o barco  
de velas claras contra o céu cinzento,  
como um poema que retesa o arco  
contra o tédio feroz deste momento.

Distraí-me o vôo de uma gaivota  
em sua alva e fria indiferença –  
ignora a praia, o barco e a sua rota.

E eu, caderno aberto a esperar,  
aceito o barco sem nenhuma crença,  
arrisco e lanço palavras ao mar.

Entrego-me à passagem dessa hora  
em que estás silenciosa e um tanto ausente.

Contemplo o longe que teu corpo sente  
e envolve esse momento sem demora.

Não há nada a fazer. Tudo se adia  
no instante em que teus olhos se distraem:  
são pérolas escuras que me atraem  
brilhando na penumbra desse dia.

É tarde. Sinto frio. A noite avança  
e sonhas com o aconchego de um abraço  
numa infinita e inebriante dança.

É quando teu olhar desperta e brilha –  
centelha que me aquece num regaço:  
a fome unindo o lobo à sua matilha.

É um parco adeus esse que reverbera  
em meu corpo cansado e afeito ao rio.  
Adeus que se despede em desvario,  
mas vai ficando, porque o tempo impera.

A cada instante, um gesto se prepara  
como se fosse a fonte da partida.  
Mas o que era, alguma volta ou ida,  
depois que o tempo ao gesto se curvara?

Tudo é passagem, pressa do não-ser,  
contaminando as horas já vazias  
de algum minuto por acontecer.

Tudo é espera. Pátina que traz  
camadas de um adeus que se desfia  
em branco e preto: página fugaz.

Um café com a varanda para a rua,  
uma mesinha escura de madeira.  
Em frente, a praia e sua paisagem nua.  
Dentro do bar, ter uma tarde inteira.

Frio e chuvisco, um copo de conhaque,  
não ter nada a fazer senão olhar  
a gaivota e seu bico de ataque  
rasgando a escura página do mar.

Ninguém ali. Silêncio que se escuta  
como se houvesse a noite sem cidade  
e o tempo não movesse a roda bruta.

Um café com a varanda para a rua.  
Tudo se acende num instante insone  
nessa lisura da página nua.

Um gato na caixinha se entretém  
com um ínfimo brinquedo, quase nada,  
algo que não se mostra, mas contém  
a graça e o risco de alguma jogada.

Não sei o que ele busca no vazio  
desse espaço sem uso, limitado,  
que o faz se deliciar num rodopio  
sem fim, sem objeto, só agrado.

O pouco com que o gato se contenta  
criando desse oco uma vertigem –  
brincar com a solidão como uma bola.

Tento aprender o que meu gesto inventa  
copiando o gato na página virgem –  
caixinha onde minha solidão se evola.

Um gato se contorce quando dorme:  
sonhando alguma caça noutra espaço,  
se enrola como se um novelo enorme  
rolasse no intervalo de um abraço.

Tem a respiração pousada e suave  
de um fole descansando na lareira;  
suspira às vezes como se uma ave  
pousasse sua delicadeza inteira.

É noite. O dia inteiro, ele dormiu  
guardando a força e a sábia rapidez  
para a hora da caça por um fio:

o instante em que a garra se apodera  
daquilo que sacia a sua fome.

É noite. E estamos – ambos – à espera.

Vagando nessas ilhas tão longínquas,  
o albatroz distrai-se do seu bando,  
sobrevoadando as águas tão profíceas  
de azul e de cardumes – até quando?

Desenha com o seu corpo a linha cálida  
da queda, do desvio, de alguma curva  
que traça, vê do peixe a mancha pálida  
e então mergulha na vertigem turva.

Saciada a fome, pouso nos rochedos.  
Dilata o espaço observando o nada,  
que se estende, leste a oeste, norte a sul.

E agora, nesse tempo entre penedos,  
sede, sal, uma solidão alada,  
ele imagina um alimento azul.

Preso ao instante, hóspede do eterno,  
me apego à tessitura de um segundo,  
tempo em que apago a dureza do mundo  
diante de um tènue movimento interno.

Dentro do dia imóvel e da espera  
disparo a dúvida como quem grita,  
e em cada verso ou sílaba se agita  
esta inquieta e solitária esfera.

Na noite imensa, busco uma matéria  
que me lance a esse sólido mistério  
em que cada palavra é bruta e etérea.

E tudo pende desse espaço alto  
onde me entrego à minha sina febril –  
o instante preparado para o salto.

Aconteceu que *ser* me foi pesando  
como a gota monótona dos dias,  
sem começo que fosse terminando  
qualquer coisa entre essas horas tão frias.

Ser e ser, como escapar dessa febre  
sem remédio, acúmulo de sede  
que me agarra como a pantera a lebre,  
diante do mar com sua imensa rede?

Cresce a sombra – do quê? Não sei dizer.  
Alguma coisa tece a sua textura  
com um fio que se estende e não tem fim.

Abro o caderno. Encontro o que fazer  
com essas sílabas, manchas na brancura:  
um caminho para sair de mim.

Eu sonho com um instante que não dura,  
vazio de tudo, pleno de outras vozes,  
espaço em que me atenho a essa brancura  
sem presente, sem bípedes velozes

a despejar suas frases pelas ruas.

Sonho com a consistência do silêncio  
qual neve a embranquecer paredes nuas,  
num texto cujas letras, ponte pênsl,

deixam passar a vaga de um tumulto.

Escuto: o tempo inteiro é um desvario  
coberto pelo ruído de algum vulto.

Espero: e essa sina se apodera  
de meu corpo. Pertença a outra vida,  
a um silêncio, a uma outra era.

Chove todo o dia. Névoa no jardim.  
Em toda a mata, a cor cinza se instala.  
O amanhecer se adia, tudo cala,  
menos essa impaciência que há em mim.

Escuto os pássaros, e os sons diversos  
não param nesse frio, nessa umidade,  
vencendo o dia quase sem alarde,  
apenas música, como alguns versos.

A chuva segue. A noite se aproxima.  
Os pássaros preparam seu repouso,  
e eu volto a perseguir aquela rima.

Faz frio. Diante da lareira acesa,  
também componho um canto contra o tempo.  
Ser pássaro é minha única certeza.

Áspero jasmim, queda de uma estrela,  
escuro tato nesse lento ocaso,  
tal primavera, nada a entretê-la,  
e nenhum rastro, só o riacho raso.

Este é o tempo que tudo devora,  
como névoa noturna sem enleio:  
esse perfume que, roçando, agora,  
dilata este presente que receio.

Os pássaros me avisam que já fui.  
A coruja, que nada há amanhã.  
Essa espera que pára (e tudo flui)

rola suas pedras num mutante leito.  
Só eu lanço no rio, num vago afã,  
um poema que faço – e em que sou feito.

Num tempo circular, mas sem retorno,  
as sílabas que sonho já existiram.

Fugazes almas, pássaros do entorno,  
formam palavras que não desistiram.

Enlaçam-se no caos dessa matéria  
ávida de abandono e de sentido  
e tentam um rancor contra a miséria  
destes dias, o nada compartilhado.

É noite: o instante em que alimento,  
fora da frase, fora da poesia,  
a loucura de ser um contratempo.

É mar: esse sem-fim de um amuleto  
vazio. E essa espera, sem magia,  
não cabe na estrutura de um soneto.

O som da cachoeira e sua sina,  
a chuva que começa e não tem pausa,  
os pássaros que cantam lá em cima  
e não têm horas, nem sentido ou causa.

Nada se cria. Tudo em si já é,  
sem fim e sem origem. Tudo cala  
quando quero buscar nessa maré  
um signo naufragado. Nada fala

no dorso deste instante sem demora.

Só a cigarra com sua voz acende  
o ocaso sonoro desta hora.

É noite. Tanta coisa aqui se tece –  
na mata sem ninguém – que me surpreende.

Escrevo porque nada me acontece.

Esse rio que me cobre sempre passa,  
em sua distância feita de abandono.  
É como o tigre que em algum outono  
ignora a presença de uma caça.

Eu permaneço nele, mas me isolo,  
sonhando seu percurso, como um seixo.  
Ele parte sem sonhos, e eu me deixo  
ficar como uma ausência presa ao solo.

Aonde irá o rio, do que ele foge,  
querendo sempre ser e já ter sido,  
sem ter quem o distraia ou o aloje?

Enigma. Claro instante que vislumbra  
meu ser: só uma passagem, mas o rio  
é eterno. A resposta é uma penumbra.

Um lago azul se faz em minha memória.

Sua clara paciência me ilumina.

Num instante em que já não há história,  
a névoa se dissipa na retina.

A fina transparência de seu dorso  
convida a uma carícia que demora,  
sem causa de um desejo, sem esforço,  
como a manhã que há fora de hora.

Fechando os olhos, vejo o que não tive:  
a lânguida pureza de uma lâmina,  
o sonhado rastro onde não estive.

Um lago me perturba a consciência.  
Saber que, sob o sonho, ele se esconde  
na opaca concisão de sua ausência.

Há sempre um limiar inacabado,  
um horizonte sem projeto ou fim,  
como se o tempo estivesse adiado  
em sua alvura aguda de marfim.

Há sempre um pórtico que desconheço  
atrás da pérgula cuja textura  
parece esse tecido que eu esqueço  
para escapar da realidade impura.

Há essa janela, um peitoril disperso  
onde minhas mãos não encontram descanso,  
nem meus olhos divisam o universo.

E há essa porta sem trégua ou fechadura  
entreaberta, levando a algum remanso,  
por onde passa, sedenta, essa escritura.

Pulsão sem sono, febre sem estaca,  
é o que move meu corpo pela rua.  
Há sempre essa premência que me ataca  
diante do tempo e sua certeza nua.

Viajo como se meu corpo ousasse  
partir tal qual a ave migratória.  
Mas ele me acomoda num impasse:  
levar-me junto em sanha compulsória.

Navegar é preciso, mas me esqueço  
em cada porto, como uma encomenda  
sem dono, e já não me reconheço.

A cada passo longe da cidade,  
estou em casa. Cada nova senda  
já prepara de mim uma saudade.

Dizer essa beleza que me escapa.

Tal o dilema de um exercício insano.

Buscar palavras – e o papel solapa  
o verde rio e as cores do tucano.

Querer grafar a força de um espanto  
com o tucano e sua presença pura.

Tecer todas as cores, vendo tanto,  
e ter só o papel em sua brancura.

Dessa loucura, vive o que se afasta  
do mundo abarrotado das imagens –  
para quem somente um inseto basta.

Também uma palavra é suficiente,  
mais colorida do que mil miragens,  
para pintar este tucano em frente.

Nenhum lugar. Silêncio. Corpo mudo.

Distante qualquer forma de presença.

Total disposição, nenhuma crença.

Um simples gesto abarca quase tudo.

Tudo a fazer: na curva de um instante,  
criar a tessitura de um acaso.

Da mínima noção, de um solo raso,  
quase falar um signo balbuciante.

Ante esse nada branco de marfim,  
repleto de potências escondidas,  
indago essa memória que há em mim.

Fim de poema. Lembro-me de algum  
lugar que, outrora, trazia perdidas  
palavras, e seu sentido: nenhum.

Uma gota de chuva numa folha  
exibe sua feição tremeluzente.  
Ela não cai, não há quem a recolha,  
e se agarra ao momento tenazmente.

A chuva já passou. Ela, no entanto,  
sozinha nessa mini-superfície,  
distraindo-se, e para ela o espaço é tanto  
que parece uma infinita planície.

Sua existência é curta. Não importa.  
Experimenta o gosto do perigo,  
da vertigem da folha que a transporta.

Também vive do instante o meu olhar.  
E do efêmero evento que persigo  
faz sua folha, pronta a perdurar.

Depois da chuva, vem o sol poente  
alaranjando parte da montanha.  
Na outra parte, o céu cinza e morrente  
reflete minha tristeza e me acompanha.

O fim de tarde agora se refresca.  
A lua ainda demora, mas virá.  
À beira-rio, existe alguém que pesca.  
O canto das cigarras soar.

A noite envolve tudo. Fico à espera  
da sílaba que acabe com a saudade  
que tenho de outro espaço e de outra era.

Escuro. Papel branco. Acendo a luz.  
Dissipo essa tristeza que me invade.  
Findo o poema – e ele me conduz.

Caminho a esmo pela estrada afora  
e só o que tenho é minha sombra andante.  
Não me deparo com nenhum viajante,  
e tudo o que estou vendo vai embora.

Os pássaros, eu não posso tocá-los.  
Escuto algum ruído, não conheço.  
O mato à minha frente é tão espesso,  
e o chão é perigoso em seus resvalos.

No entanto, a caminhada cria um vício  
certeiro como o bico do tucano:  
recomeçar a estrada desde o início.

Agora, a lua avança pelo céu.  
E eu, viciado, pratico um insano  
gesto: fixar vertigens no papel.

Fim de tarde. Um horário propício  
para esquecer o que não vale a pena.  
Fixar a minha memória neste início  
de noite, hora em que nasce o poema.

E tudo escoia nesse rio veloz,  
a chuva fina, o cinza deste dia.  
Só eu e o tempo ficamos a sós  
marcando o rastro na estrada vazia.

Na noite azul, o canto da cigarra  
faz companhia à minha voz miúda  
dizendo essa vertigem que me agarra:

em meio à cachoeira e seu estrondo,  
grafando a falta com a garganta muda,  
um grito silencioso vou compondo.

Dizer o meu sujeito só na página:  
de ser assim meu peito se esquecera.  
Decerto seja o branco impura esfera,  
deserto onde se suja dentro e fora.

Impune, a alma grafa sua afasia,  
cravando a dor na pele, e não perdoa  
a fome intacta, sua acidez vazia  
diante da palavra sem demora:

a solidão de um verso na sacada.

Disponho no papel a espessura  
de cada falta e cada voz calada.

Diante do mar, opero na secura.

Toda a sede perversa, e não há nada.

Alma que geme diante da água impura.

Tanto ruído nesse bar, e eu não escuto  
uma palavra disposta ao desconcerto.  
Tanta mudez de almas, tanto luto  
em meio a um nada que não tem conserto.

Noite sem fim, à espera de uma espera  
que traga algum instante ensandecido.  
Noite vazia, aérea, uma cratera  
em que me oculto como um perseguido.

Então, nesse tumulto, abro o caderno,  
e o branco do papel é silencioso  
como um barco vazio no mar eterno.

Escuto esse silêncio como um tema  
que alguém me lança, âncora noturna,  
a procurar no naufrago um poema.

O que escrever quando a chuva me encontra  
na curva que se estende pela mata,  
quando entrevejo o mergulho da lontra  
ou o fogaréu que o pôr-do-sol desata?

Como gravar na página essa espera  
crescendo com o azul entardecer,  
a fome que na noite imensa opera  
essa paisagem que persiste em ser?

Ouçõ o silêncio. Escuto a correnteza  
entre as árvores e as pedras que fascinam  
como o olhar do felino sobre a presa.

Nada escrevi. Não pensei nada. Tudo  
em meio à neve e ao campo me estremece.  
Diante da montanha fiquei mudo.

Escrever como indo rumo à neve,  
às voltas com um veículo precário,  
disposto à aventura – quem se atreve  
a abandonar seu ritmo ordinário?

Escrever, ver o lobo em sua pegada,  
a fome que traceja o gelo eterno;  
um jogo sem ninguém, sem regras, nada,  
apenas o vazio rondando o inverno.

Escrever e pensar na caça rubra,  
tingida pelos lábios saciados  
com a presa antes que um outro alguém descubra.

Escrever com os dentes afiados  
à espera de uma imagem na penumbra –  
e a última mordida lança os dados.

Há uma passante, vejo-a tão veloz  
na noite lenta, areia e oceano,  
e como nave avança, sem um plano  
nem bússola. O tempo é um algoz.

Aquele verso que eu lhe entregaria  
ficou intacto, seco como a pluma  
do albatroz ao sol. E essa calmaria  
em mar aberto, âncora nenhuma.

Há uma passante, tenho-a na memória.  
Fugaz desejo de tê-la abordado  
como a manhã sem sonho e sem história.

Mas me calei. O vento sopra agora  
nessas folhas de outono, ressequidas.  
E grafo essa palavra indo embora.

Um bando de flamingos sobrevoa  
o pântano de ásperos arbustos.  
Com sua plumagem rosa, deram sustos  
em meu olhar descolorido e à-toa.

Estão migrando. Vêm de algum lugar  
que ignoro, do amplo frio do sul,  
onde há uma constelação de azul,  
e os desertos são como um seco mar.

Seus corpos, como flâmulas, aquecem  
o caminho, que tece suas cores.  
Flamingos nômades jamais esquecem.

E eu, vendo esses pássaros agora,  
esqueço num segundo as minhas dores.  
Mas, noutro instante, a imagem vai embora.

Partir é minha sina – para onde?  
Tudo o que vejo falta, tudo amplia  
a solidão que expande essa agonia,  
e quanto mais me ensina, mais me esconde.

À noite, esta cidade é um labirinto,  
e eu, um falso cego, vejo às claras  
esse vazio na terra, essas mil taras  
sem desejo, só meu olhar faminto.

Um bar me pára. Bebo uma matéria  
sem dor, sem a voragem que se instala  
no interior dessa geral miséria.

Encaro a página: ela me fala,  
de dentro de sua brancura séria,  
o que é partir – e assim ela se cala.

Página perversa a que me acompanha.  
Sempre vazia, quase um abandono,  
e quando aberta, com fome tamanha,  
parece um grito a perturbar meu sono.

Cada palavra muda que articula  
se desfaz na brancura de sua pele.

E um silêncio de sutil textura  
dilacera esse gesto que me impele

ao seu convívio. Vivo a insensatez  
do vício, entre a escrita e o dia-a-dia,  
buscando algum tipo de embriaguez.

E quando tento, em verso, dar meus ais,  
esse papel, qual corvo branco, diz  
de minhas tentativas: “Sempre mais”.

Eis o caderno aberto. A face escura  
de um tempo acelerado me prepara  
o gesto lento. Caio na brancura  
de toda esfera perigosa e clara:

a página fugaz. Esse exercício  
é seu silêncio. Tudo ali emudece  
no instante embevecido pelo vício,  
e nada na palavra se esclarece.

O ciclo solitário se completa.  
O grito ecoa como um corvo cego  
voando sobre a mesa do poeta.

E tudo volta à paz, menos a vida,  
grafada num deserto de papel  
como a ave lambendo a asa ferida.

Um pálido esplendor, superficial,  
é o que se espraia desta era morta.  
As ruas e seu ruído infernal  
me paralisam, e já nada importa.

As falas podres caem, já maduras,  
e os olhares, pesados, dão vertigem,  
a crença ergue o horror até as alturas –  
me perco em meio a imagens de fuligem.

Tudo rui. Nenhuma arte se impõe  
a essa massa de discursos vis,  
nem nada negativo se compõe.

Abro o caderno. Fecho os olhos. Vejo,  
em meio à opacidade sem fulgor,  
o risco da palavra num lampejo.

Não persigo a grafia da beleza,  
nem espero a degustação comum  
daquilo que eu escrevo sem destreza.  
Meu exercício é sem poder nenhum.

Avesso à falsa e vã profundidade  
e aos truques acadêmicos, banais,  
rejeito as já antigas novidades.  
Procuro as minhas sombras – nada mais.

Minha escritura é este instante-çoite  
golpeando essa vazia realidade  
com palavras que têm gosto de noite.

Silêncio. A noite cala. Espero a hora  
em que o tempo diurno dê uma trégua –  
e a escritura noturna não demora.

O céu cinzento, a praia, doze graus.  
Uma neblina fria, inalterável.  
Nada se mexe, só o siri mutável  
e a imagem de incomensuráveis naus

em minha memória. Vaga densidade  
a dessa areia e desse aroma frio,  
rochas distantes, ilhas sem perfil  
a flutuar na invisibilidade.

O vento invade, vergastando a face,  
colhendo da umidade o seu silêncio:  
a violência muda de um enlace.

Nenhum passante, apenas a promessa  
sem fim do mar e seu bailado pênfil,  
antes que a dor do corpo se despeça.

Quero escrever, mas vejo um passarinho  
e me distraio. Cisca, sem projeto,  
seu alimento diário e volta ao ninho –  
vida que passa assim, sem objeto.

E quanto mais o vejo, mais delícia  
eu sinto nessa fome apaziguada.

Viver dia após dia com a perícia  
de desdenhar o tempo e sua cilada.

Volto ao caderno, faço a tentativa  
de urdir, como a ave faz com suas asas,  
um texto cuja apreensão é esquiva.

Termino. Driblo o tempo em meu ofício,  
e os pássaros retornam a suas casas.

Mas tremo: amanhã há outro início.

Lá fora, o frio prepara a sua geada,  
a noite clara, os pássaros dormindo.  
A lenha rubra em fogo se esvaindo,  
um poema tecendo a sua meada.

Algo se foi. A casa está vazia.  
As tábuas gastas de tantos andares  
têm a memória plena de cantares  
a desfiar o tempo que se adia.

Tudo é silêncio. Salvo a melodia  
do fogo afugentando com urgência  
a nota surda da melancolia.

Tudo é fugaz. Apenas permanece  
a brasa em sua adiada despedida –  
e o poema, agora cálido, se tece.

Um forno enegrecido em seus tijolos.

A casa faz cem anos neste inverno.

O fogo não é de nenhum averno,

só assa um pão. Somos assim dois pólos

cozendo o tempo em lenta gramatura.

O forno ardendo em sua textura clara,

eu tecendo algum verso na brancura.

Agora chove. Alguma coisa rara

vai se formando enquanto o ar se aquece.

Cresce o silêncio. Um verso se insinua.

Lá fora, a fruta que a ave não esquece.

Chopin parou. Somente a lenha estala.

O pão se fez. Minha solidão está nua –

mas o poema a aquece, e ela se cala.

A casa em que nasci, não lembro mais.

Meu quarto, o pátio com sua pitangueira,

A rua e os cinamomos são sinais

de algo perdido. Meu tempo se esgueira

por entre as pedras do caminho e vai,

acompanhando o vento e a vaidade,

e nada permanece. Tudo cai:

minha memória vã, esta cidade,

a espera de um diálogo sutil

e substancioso. Sem uma lembrança,

o meu passado é vítima do ardil

que a realidade arma sem censura.

Mas tenho uma palavra e sua dança

que fazem minha memória ainda mais pura.

Esse bolero de outro tempo, eu sei,  
não é pra mim, me lembra o que não tive,  
aquela praia que não frequentei,  
uma mulher partindo... Onde eu estive

todo esse tempo afoito e sem futuro?

Por onde andei, distante, distraído,  
sem ver estrelas, sem um amor puro  
que me alçasse desse agora puído?

A Lua, algum hotel, um daiquiri,  
alguém com quem dançar, o mar aberto...  
São coisas que sonhei. São o que quero,

etéreas, fantasmais, assim fugazes,  
coisas que imaginei um dia, há muito,  
que tornam a viver nesse bolero.

Acendo a cigarrilha e me preparo,  
diante desse mar azul e frio,  
para enfrentar o tempo sem amparo,  
só um caminho, instável como um rio.

Abro o caderno, a página vazada  
de esperas e de ausências, desmesura  
sem essa estrela que, na noite, alada,  
disponha sua marca negra e impura.

Grafo sinais, me esqueço nessa hora  
que se estende, inexoravelmente,  
sobre mim, a jogar sílabas fora.

Olho o horizonte, um albatroz vislumbra  
o peixe que saciará sua fome –  
e eu devoro palavras na penumbra.